

## Na Trilha dos Passos do Senhor: A devoção ao Senhor dos Passos de São Cristóvão/Se

Magno Francisco de Jesus Santos<sup>1</sup>

Verônica Maria Meneses Nunes<sup>2</sup>

### R E S U M O

O presente artigo tem o propósito de estudar a Procissão do Senhor dos Passos entre os anos de 1870 e 1920. A procissão é um secular evento religioso da cidade de São Cristóvão, realizada sempre no segundo final de semana da quaresma, reunindo devotos de diferentes segmentos sociais. O objetivo desse estudo é analisar a Procissão do Senhor dos Passos, destacando a participação da elite açucareira e dos segmentos populares. Os documentos usados foram o Anuario Christovense de Serafim Sant'Iago, artigos e notas de jornais aracajuano e o diário de Aurélia Rollemberg. Através desses documentos foi possível constatar a relevância da participação da elite açucareira sergipana (buscando legitimar-se) e dos segmentos populares. Estes registraram a sua participação e práticas devocionais através dos ex-votos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Religiosidade, Procissão de Passos, Elite, São Cristóvão.

---

Fé ao Senhor dos Passos  
 uma graça concebida  
 uma promessa cumprida  
 (Alves, 17/03/1984)

As festas constituem um dos principais momentos do catolicismo popular<sup>3</sup>. É difícil imaginar o cotidiano de uma pequena cidade brasileira sem as agitações das novenas, santas missões, acompanhamentos<sup>4</sup> e procissões. Essas são algumas expressões de religiosidade que acabam por se tornar um grande instrumento para se compreender a sociedade na qual estão inseridas.

Isso ocorre porque as expressões de religiosidade revelam contradições, angústias, desejos, hierarquias, carências, ordem e desordem inerentes à sociedade. Esse é um dos principais motivos que vem fazendo os cientistas sociais se debruçarem sobre as temáticas do universo religioso. A história não ficou imune a esse processo de renovação e de ampliação das áreas de pesquisa, graças ao diálogo interdisciplinar difundido pelo movimento dos Annales<sup>5</sup>. Assim, emergem na historiografia mais recente, temáticas como morte, festas, devoções e imaginário religioso.

É dentro desta perspectiva que se insere o objeto desse estudo. A proposta que se segue visa estudar a procissão do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão, Sergipe, entre os anos 1870 e 1920. Essa procissão, ainda no século XIX tornou-se uma das principais manifestações religiosas de Sergipe, conseguindo aglomerar fiéis devotos de diferentes segmentos sociais e de várias partes da antiga província. Neste estudo, temos o objetivo de analisar a Pro-

cessão do Senhor dos Passos, destacando a participação da elite açucareira e dos segmentos populares. Estes registraram a sua participação através dos ex-votos, que ao longo dos séculos foram depositados no claustro da Ordem Terceira do Carmo.

## 1. BREVE INCURSÃO PELO UNIVERSO RELIGIOSO DOS PASSOS

A historiografia sobre religiosidade é consideravelmente diversificada. A diversificação pode ser vista como produto do recente diálogo interdisciplinar ocorrido entre as ciências humanas, que propiciou o estudo do fenômeno religioso em suas diversas facetas, graças à aplicação de diferentes categorias de análise. Com isso, a religiosidade é estudada por diferentes ângulos, com múltiplos olhares.

No âmbito desses olhares emergem discussões a respeito das diferentes categorias e temas, sob o viés da nova história cultural, como religiosidade, imaginário e cotidiano. Para se compreender com amplitude um fenômeno complexo como a procissão do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão é imprescindível esclarecer os conceitos que serão utilizados na reflexão.

Neste estudo, um conceito-chave é o de religião popular, que será visto como as práticas consideradas pela hierarquia eclesiástica como ultrapassadas, arcaicas, ilegítimas. Percebe-se que para haver um "catolicismo popular", é necessário que haja o seu oposto, nesse caso, o "catolicismo oficial". Esse caráter dual entre religiosidade popular e oficial é esclarecido pelo sociólogo Pierre Sanchis, ao dizer que:

Ela (religião popular) é o fenômeno estrutural não se manifestando senão num grupo social frente a outro grupo, dominante e modernizador. Esses grupos sociais não se confundem necessário e simplesmente com classes sociais em conflito e uma maior atenção às elites dirigentes, numa e noutra classe fundamental, deverá sempre matizar, e, às vezes, balancear as perspectivas unilaterais de uma sociologia da luta de classes, se quisermos, um dia, poder restituir a palavra “povo” a densidade de um conceito puramente operacional (Sanchis, 1979, p. 258).

Ainda deve ser ressaltado que, apesar de haver uma relação dialética entre a religiosidade popular e a oficial, não existe uma fronteira fixa entre ambas, mas sim um dinamismo tecido por trocas recíprocas (Vovelle, 1987, p. 154-5). Nesse sentido, a religiosidade, como componente fundamental da cultura, deve ser analisada na perspectiva de um contínuo processo de circularidade em que os seus agentes não permanecem estáticos no campo do popular ou do oficial (elite), mas sim, em diálogo entre si (Ginzburg, 1987, p. 21).

Mesmo constituindo uma solenidade de cunho oficial da Igreja Católica em Sergipe, a Procissão do Senhor dos Passos pode ser vista sob a ótica do catolicismo popular, por ser criticada pela hierarquia eclesiástica local. Isso pode ser constatado no Livro de Tombo da Paróquia Nossa Senhora da Vitória de São Cristóvão, onde os párocos da cidade registraram ao longo do século XX, a sua insatisfação com os procedimentos dos devotos e principalmente dos leigos, na tradicional Festa de Passos<sup>6</sup>.

Tais devotos, ao longo dos anos, imprimem uma rotina de obrigações com pagamentos de promessas, orações e visitação aos lugares sacros. Com isso, é pertinente esclarecermos algumas questões acerca do universo sagrado. O sagrado pode ser entendido como algo que se manifesta sempre como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente da das realidades “naturais”, ou seja, ele se manifesta como coisa absolutamente diferente do profano (Eliade, p. 20). Essa interação entre os universos sagrados e profanos não ocorre de forma aleatória no espaço, tendo em vista que este apresenta rupturas, quebras, ou seja, não é homogêneo. Assim, para o homem religioso há porções de espaço qualitativamente diferente das outras, há um espaço sagrado, forte, significativo e outros não sagrados (Eliade, p. 27).

Essa sacralização não ocorre somente com os lugares, uma vez que ela também se manifesta através do “gestual, da sensibilidade, do imaginário, das atitudes coletivas”. (Lima, 2002, p. 8). Nesse sentido, em São Cristóvão não veremos como espaço sagrado apenas o complexo do Carmo e as ruas que compreendem o itinerário das procissões, mas sim a interação dos fiéis com esses lugares. É desse modo que ganha dimensão aspectos como as formas de percepção do sagrado, o diálogo, o gestual e o simbólico, ou seja, as variadas formas pela qual o devoto percebe, absorve e retrabalha elementos do universo sagrado. Com isso, é possível também falarmos de uma espécie de “tempo sagrado”, pois, assim como o espaço, o tempo também apresenta rupturas e heterogeneidade de acordo com os intuitos da sociedade com a qual interage. No campo religioso, é possível distinguir que, ao longo do ano, existem períodos mais sagrados do que outros. Se todo dia é dia santo, existe o dia santo fino<sup>7</sup> ou seja, um dia com maior poder simbólico do que os

demais (Bourdieu, 1998, p. 19). É fácil detectar esses “dias prestigiados” do calendário católico, haja vista que a própria denominação de tais períodos já revela a idéia de seu prestígio<sup>8</sup>.

Uma das formas de “tempo diferenciado” é o que podemos chamar de tempo festivo. O tempo da festa “é celebrado como tempo de utopias, fantasias e liberdades, onde se exprimem frustrações, revanche e reivindicações de vários grupos que compõem a sociedade” (Del Priore, 1994, p. 9). A festa pode ser vista como quebra da rotina, desperdício e ociosidade (Lima, 2002, p. 11), mas também é sinônimo de continuidade, levando-se em consideração que nela são projetadas angústias, desejos e contradições dos segmentos sociais que dela participam.

Em outra perspectiva, a festa também pode ser vista como um jogo do poder, pelo qual através de símbolos e representações são expressas as disputas presentes na sociedade. É isso que ocorre com as festas de caráter religioso-popular, como um ciclo que percorre ao longo do tempo, paralelamente e de modo simbólico, o próprio ciclo de rotina e trabalho da sociedade (Anjos, 2001, p. 24).

No catolicismo popular, um dos principais momentos festivos ocorre com as romarias. Para se ter uma idéia da dimensão dessa relevância é só observar o poder de mobilização social que detém no Brasil romarias como a de Padre Cícero no Juazeiro do Norte (CE), São Francisco das Chagas em Canindé (CE), Nossa Senhora de Nazaré em Belém (PA) e Bom Jesus da Lapa (BA). No entanto, apesar da reconhecida importância dessas celebrações, ainda permanecem algumas polêmicas quanto a sua classificação. A principal polêmica gira em torno da diferença entre romarias e peregrinação. Saber distinguir tais conceitos é de importância primordial na reflexão das celebrações do Senhor dos Passos em São Cristóvão.

Etimologicamente, peregrino se originou dos vocábulos peregrinus, peregre e significa “aquele que se encontra fora da residência ou aquele que sai de sua casa ou pátria” (Balbinot, 1998, p. 78). Nessa perspectiva, o termo peregrinação serve para designar o grupo de pessoas que sai de seu lugar em direção ao lugar sagrado, para realizar atos religiosos, com objetivos piedosos, votivos ou penitenciais. Peregrinar é dirigir-se a um lugar “fora de”, “longe de”, segregando espacialmente o agente em relação ao seu ambiente e ao seu locus geográfico cotidiano, sem ter, no entanto, o definitivo desligamento do mundo, pois sempre há o retorno. Com isso, os peregrinos reúnem-se num ponto, o santuário, e nele há contato com o sagrado e “expição dos males”. A peregrinação é também um ritual de aflição. Nela o “agente se reinsere em um tempo sacralizado, que é também histórico” (Agostinho, 1986, p. 12). Dessa forma, a peregrinação pode ser conceituada como:

(...) uma marcha ritual em que, partindo de uma periferia mais ou menos distante, se entra temporariamente num centro ou foco de concentração do sagrado, para depois retornar ao mesmo ponto de partida, confortado pela participação em virtude do sagrado (Balbinot, 1998, p.80).

Já as romarias representam o momento da festa, da visita ao santo padroeiro, ou particular. Os devotos veneram os santos como “amigo”, o santo atende aos pedidos que lhes são feitos, o que coloca os cristãos na obrigação de cumprir as promessas feitas (Feitoza, 2002, p. 10-11). Nessa concepção romaria aparece ligada à idéia de veneração aos santos (veneração com forte intimidade entre o devoto e o santo) e à prática de cumprimento da promessa (ex-voto ou desobriga). Etimologicamente o vocábulo romaria tem origem nos termos *romerus*, *romerius*, que

servia para designar os peregrinos que iam a Roma, a partir do século VI, devido ao domínio muçumano na Terra Santa (Balbinot, 1998, p. 77). Esse conceito hoje é insuficiente para classificar as celebrações religiosas populares, devido à dimensão e complexidade que tais manifestações de fé atingiram. Partindo dessa acepção, podemos indagar sobre a diferenciação entre romaria e peregrinação.

Nesse caso, a forma mais adequada de distinção entre ambas é saber qual o segmento que detém o poder de organização, controle e decisão em um evento festivo. Com isso, romaria pode ser vista enquanto:

(...) festa coletiva com forte inclinação para fora da alçada da hierarquia eclesiástica. É a manifestação maior da religiosidade popular. As manifestações cardinais da romaria conservam identidade: promessa, o culto comunitário e teoricamente oficial da missa e da procissão, o intercâmbio e a comunicação, a feira em volta do santuário, o canto, a dança durante o caminhar de ida e volta e o encontro e conagração entre famílias (Sanchis, 1979, p. 251).

Todos esses elementos descritos acima estão presentes na Festa de Passos<sup>7</sup>, que levá-nos a considerá-la como uma romaria. Essa classificação é contundente, visto que os leigos detinham uma considerável influência na organização dos ofícios, das procissões e, principalmente, na arrecadação das esmolas<sup>8</sup>.

Seguindo a mesma linha de raciocínio, peregrinação pode ser interpretada como uma espécie de anti-romaria, em que a hierarquia eclesiástica busca impor práticas recristianizadoras<sup>9</sup>, através de mecanismos como mandar ou proibir, suprimindo arraiais, atrofiando o papel das promessas em seu aspecto teatral e canalizando-as para os atos dos sacramentos, regulados pelo clero (Sanchis, 1979, p. 254). Resumindo, peregrinação é o evento religioso com grande poder de mobilização e com forte predominância da hierarquia eclesiástica na organização.

Compreendendo a Festa de Passos enquanto romaria, é possível detectar que a celebração gira em torno das procissões do Depósito e do Encontro, realizadas respectivamente, no segundo sábado e domingo da quaresma. Procissão pode ser conceituada como “marcha solene, de caráter religioso, acompanhada de cantos e rezas” (Fontes, 1998, p. 24). Então, pode-se dizer que, a procissão é “começo e o fim de tudo, é o verdadeiro ponto dos festejos em homenagem ao santo. É momento da festa em que os fiéis estabelecem o diálogo com o santo padroeiro” (Almeida, 2002, p. 27). A procissão também é um campo de disputa, com dimensão geográfica simbólica. Em São Cristóvão, na Procissão dos Passos, pode ser destacada essa disputa pelo campo, entre os membros da Ordem Terceira do Carmo e o clero. O foco dessa disputa no campo é a posse dos festejos, cujas procissões são o ápice, o momento maior e mais aguardado. “É no momento da procissão que os fiéis e até mesmo aqueles que não vão à procissão por promessa, só fazendo gosto de particular, sentem-se inseridos dentro de uma experiência em que está presente” (Nascimento, 2002, p. 39).

É difícil falar da Procissão dos Passos sem enaltecer o papel desempenhado pelos irmãos terceiros do Carmo. Até o século XIX, as irmandades detinham um papel predominante no Brasil. Esse papel aliado à rivalidade entre as irmandades foi um dos responsáveis pela disseminação de igrejas nos períodos colonial e imperial (Oliveira, 2000, p. 13). O prestígio das irmandades nesse período é devido a grande preocupação que permeava a população: a morte. Não é gratuito que uma das principais obrigações sociais das irmandades era quanto aos sepultamentos. O medo da morte sem proteção e sepultamento digno era o principal elemento aglutinador de leigos nas irmandades. “A morte era um comércio rentável” (Silva Filho, 2000, p. 45).

As irmandades constituíam um valioso instrumento de distinção social e assistencialismo (Farias, 2004, p. 11). Tais aspectos tornavam visíveis através de obras de assistência<sup>10</sup>, dos funerais e principalmente, das pomposas procissões dos santos padroeiros dos oragos. A grandiosidade das celebrações era um requisito determinante para a entrada de novos membros na irmandade. Assim, “quanto mais pomposa era a festa, mais irmãos atraía” (Santos, 2001, p. 31).

A organização das irmandades estava estreitamente relacionada com o aspecto devocional. Devoção pode ser entendida enquanto “diversas práticas religiosas do tipo particular, dirigidas a honrar certo objeto religioso, de acordo com a preferência do indivíduo devoto” (Andrade, 1999, p. 18). Muitas vezes, a origem da devoção está ligada ao medo, que pode ser visto como “um sentimento fruto de nossa imaginação que muda de acordo com as situações de perigo. Pode ser uma doença psicológica que bloqueia nossas ações” (Andrade, 1999, p. 15). Nesse caso, a partir de uma ameaça ou de um perigo concreto, pode surgir uma nova devoção como forma de defesa, por meio do voto ou promessa.

A relação voto/ex-voto também é uma questão inerente à abordagem sobre o universo simbólico dos Passos. Prova disso é que no claustro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo está reunido o maior acervo de ex-votos de Sergipe. A localização desses objetos não pode ser ignorada, haja vista que o claustro detém uma relevância considerável no universo religioso cristão. Ele pode ser visto como um elo entre o humano e o sagrado, como está evidenciado na descrição de Champeaux, que compara o claustro a Jerusalém Celeste:

Na encruzilhada das quatro vias do espaço, o poço, uma árvore, uma coluna, marcam o umbigo do mundo, o ônfalo. Por aí passa a eixo terrestre, essa escala espiritual cujo pé mergulha nas trevas inferiores. É, igualmente, um centro cósmico, em relação com os três níveis do universo, com o mundo subterrâneo pelo poço; com a superfície do solo; com o mundo celeste pela árvore, pela roseira, pela coluna ou pela cruz. Ademais, sua forma quadrada ou retangular, aberta sob a cúpula do céu, representa a união da terra e do céu. O claustro é símbolo da intimidade com o divino.

Em São Cristóvão, essa intimidade com o divino está explícita no claustro da Igreja da Ordem Terceira do Carmo, que desde o século XIX recebe ex-votos dos romeiros do Senhor dos Passos. Ex-voto “é o fruto do sincretismo cultural e da fé, são objetos tradicionais de oferta às divindades de culto católico, para retribuir uma graça alcançada” (Leite, 2002, p. 1). Eles podem ser classificados em antropomórficos, zoomórficos, agrícolas, representativos de valor, específicos, médicos e de significado imaterial (Santos, 2004, p. 22-29). A grande variedade de ex-votos é em decorrência das diferentes formas de se estabelecer o voto. O ex-voto é um testemunho de

dimensão social, que pode servir à História como documento revelador das ações humanas (Leite, 2002, p. 1). Daí se explica a importância do Museu de Ex-voto de Sergipe, que “surgiu com a necessidade de preservar o depósito dos votos e ex-votos das milhares de pessoas que se dirigem à cidade para a Cerimônia de Passos e que, cheia de esperança, ali depositam suas promessas (Santos, 2004 p. 29).

Como se viu, a origem dos ex-votos está ligada às festividades do Senhor dos Passos, que é uma romaria de penitência com a participação de um elevado número de fiéis. As penitências são reminiscências do catolicismo rústico brasileiro que ainda podem ser encontradas em algumas cidades sergipanas. A forma mais comum é a dos chamados “penitentes” ou “Irmãos das Almas”, que constituem uma sociedade secreta que tem como função principal pagar promessas e orar pelas almas dos mortos (Amaral, 2003, p. 185). Esses grupos saem às ruas nas noites quaresmais, vestidos com túnica branca, com a cruz alçada, carregando velas acesas, com cânticos e orações penitenciais no ritmo das matracas, visando salvar as almas. No imaginário popular, esses grupos são acompanhados pelas almas que expiam seus pecados. Com isso um grupo penitente pode ser interpretado como rito, por ter “ações standardizadas baseadas sobre uma disciplina estrita e ligadas a fórmulas, gestos, símbolos e sinais de um determinado significado para a sociedade que o engendrou” (Santos, 2002, p. 56).

No entanto, a Cerimônia de Passos tem algo diferenciado dos grupos penitentes por ser uma celebração em que os fiéis almejam atingir benesses imediatas, graças cotidianas, enquanto o foco central dos penitentes é a salvação das almas. A procissão dos Passos é uma celebração da dor que relembra os sete passos da Paixão de Cristo. É um ato de interação, de identidade, no qual a dor do Cristo sofredor se confunde com o sofrimento cotidiano do romeiro.

Esse tipo de celebração é de origem ibérica e ocorre em diversas cidades brasileiras como Pirenópolis (GO), Paraty (RJ), São Paulo (SP), Florianópolis (SC), Olinda (PE) e cidades históricas mineiras. Nelas é perceptível uma considerável mobilização popular, mas também o caráter oficial, com a participação de membros do Estado. Um exemplo elucidativo dessa constatação é a Procissão do Senhor dos Passos da Corte no Segundo Império, que tinha um dos varões do andor carregado pelo imperador D. Pedro II (Monteiro, 1982, p. 203).

Em São Cristóvão, a Procissão dos Passos entre as décadas do final do século XIX e do início do XX era uma das principais celebrações religiosas de Sergipe. Provavelmente é a que atraía o maior número de romeiros, que se deslocavam de variadas regiões sergipanas. Quando se aproximava o segundo domingo da quaresma, alguns dias antes, a multidão de romeiros se dirigia à cidade para acompanhar o evento (Sant’lago, 1920, p. 19 v). Assim, em tempos quaresmais, a cidade era:

(...) lendário nicho onde vão os aracajuanos ver o echymosado Senhor dos Passos, quando o sino grande do Carmo enche de dolentes soluços, à hora do sol-pôr, a profunda tristeza do Vale do Paramopama. (Silva, 1920, p. 83).

A Procissão de Passos é detentora de uma relevante importância na sociedade sergipana desde primórdios do século XIX. Essa relevância é evidenciada ao se verificar o elevado número de obras que citam o evento. Apesar de ser um evento muito citado, a celebração dos Passos ainda é muito pouco entendida, carente de uma reflexão mais específica. Isso porque a maior parte dos estudos que referencia a solenidade, a abordam de modo geral, reproduzindo conclusões que estão em vigor desde o início do século XX. Com isso, está evidente que chegou o momento de se buscar novos problemas, conceitos e olhares sobre o fenômeno religioso dos Passos.

## 2. FÉ, STATUS E PODER: A DEVOÇÃO DA ELITE

Entre 1870 e 1920, a Procissão do Senhor dos Passos na cidade de São Cristóvão era um evento que mobilizava romeiros de diferentes localidades sergipanas. Ao se aproximar o segundo final de semana da quaresma, uma multidão se dirigia a São Cristóvão para assistir à solenidade do Senhor dos Passos. Essa locomoção ocorria de formas variadas, de acordo com as condições financeiras do romeiro e com o período, como explicita Sant'Iago:

Hoje o nosso Estado acha-se dotado com uma estrada de ferro, havendo trem diario para aquella cidade, desapareceu a grande influencia dos romeiros costumados, que alguns dias antes começavam a viajar, uns a pé, outros em carros puxados a bois, fazendo um agradável descanso nas margens do Rio Pitanga (Sant'Iago, 1920, p. 19).

Apesar das constantes dificuldades de locomoção, ainda na primeira semana da quaresma começavam a chegar em São Cristóvão às primeiras famílias oriundas de diversos pontos de Sergipe, principalmente de Aracaju (Sant'Iago, 1920, p. 19v). Esse elevado afluxo de fiéis que se dirigiam à cidade demonstra que a Procissão do Senhor dos Passos entre os séculos XIX e XX era uma das principais celebrações religiosas de Sergipe. A Procissão dos Passos conseguia aglomerar em seus cortejos não só romeiros populares, pagadores de promessas, mas também importantes membros da elite açucareira.

Nesse estudo, consideramos como "elite" um pequeno grupo que, num conjunto mais vasto — religioso, cultural, político, militar, econômico ou outro — é tido como superior pelas suas funções de mando, de direção, de orientação ou de simples representação (Barata e Bueno, apud Nascimento, 2005, p. 112). No caso desse estudo, a elite analisada é a detentora do poder nos campos econômicos, político e social. Optamos por denominá-la de elite açucareira pelo fato da maioria dos seus membros

estarem vinculados com a produção açucareira. Deve ser considerado ainda que, muitos dos integrantes dessa elite açucareira eram membros das irmandades sancristovenses, principalmente a do Santíssimo Sacramento da Igreja Matriz Nossa Senhora da Vitória e da Ordem Terceira do Carmo.

A participação desse segmento social na cerimônia dos Passos pode ser constatada através de registros do período estudado, como o Anuario Christovense de Serafim Sant'Iago, e o Diário de D. Aurélia Dias Rollemberg, que foi editado recentemente por Samuel Barros de Albuquerque, além de artigos e notas dos jornais da época.

A elite açucareira a qual nos referimos nesse artigo era formada por políticos (presidentes e vice-presidentes da província, deputados gerais e provinciais), militares (comandantes do Corpo Policial), bacharéis, detentores de títulos nobiliárquicos e senhores de engenho. Quase todos estavam ligados ao cultivo de cana-de-açúcar, principal atividade econômica da Província de Sergipe.

No final de semana da solenidade dos Passos, essa elite açucareira se deslocava de Aracaju e de suas propriedades com destino a São Cristóvão. A Procissão do Senhor dos Passos era um evento que atraía uma considerável parte dos administradores e funcionários públicos sergipanos. Ao contrário dos demais romeiros, que seguiam a pé até São Cristóvão, os membros da elite eram conduzidos por carros puxados por animais, como destaca Serafim Sant'Iago:

Chegava finalmente no sabido a tarde o Exmo. Senhor Presidente da Província de seu estado-maior, assim como um grande número de funcionários públicos gerais e provinciais e a musica do Corpo de Policia. Grande era a concorrência de carros conduzindo famílias a entrarem dia e noite na Velha Cidade (Sant'Iago, 1920, p.20).

As celebrações religiosas dos períodos colonial e imperial brasileiro contavam com a marcante

participação de membros da elite. As festas religiosas serviam como espaço de legitimação do poder político-econômico dessa elite que buscava manter um posicionamento de destaque nas procissões. Assim, as procissões acabavam revelando a hierarquia presente no cotidiano da sociedade. Dentro dessa hierarquia processional, um lugar de destaque é nas proximidades da charola do santo protetor.

Geralmente as charolas eram carregadas nas procissões por pessoas de maior destaque na sociedade, como políticos, senhores de engenho e fazendeiros. Poder carregar um dos varões da charola em uma procissão era indício de Status, de que a pessoa tinha prestígio naquela sociedade. A busca pelo Status de se ter sobre os ombros o varão de um andor fazia com que houvessem disputas acirradas por tais postos. As disputas eram mais intensas quando a procissão tinha um caráter oficial, com a participação de autoridades políticas. Uma das solenidades que tinha esse aspecto era a procissão do Senhor dos Passos, uma vez que no Rio de Janeiro, um dos varões do andor era carregado pelo imperador D. Pedro II (Monteiro, 1982, p. 203).

Em São Cristóvão ocorria algo semelhante, principalmente na procissão do Depósito, realizada no segundo da quaresma, em que se caracteriza por conduzir a imagem do Senhor dos Passos velada entre as igrejas da Ordem Terceira do Carmo e a matriz de Nossa Senhora da Vitória. Ela é uma procissão noturna, cujo foco principal é o aspecto penitencial. Devido a esse aspecto peculiar, a charola do Senhor dos Passos tornava-se alvo de disputas, para ser carregada durante a procissão. Essa situação é evidenciada em registros como o de Serafim Sant'Iago:

Via-se também ao pé da charola, aguardando o momento da sahida, o Presidente da Província com seu estado-maior, Barão da Estância, Comendador Sebastião Gaspar de Almeida Botto, Coronel Jozé Guilherme da Silveira Telles, Coronel Domingos Dias Coêlho e Mello, Dr. Silvio Anacleto de Souza Bastos, Dr. Simões de

Mello e muitíssimos outros abastados proprietários do Vasa-barris, antigos devotos da respeitável Imagem do Senhor dos Passos. A charola nesta procissão, era carregada exclusivamente pelo Ex<sup>mo</sup> Senhor Presidente e seus imediatos; então os homens que naquelle tempo, faziam votos para nesse dia carregarem a charola, era necessário que rogassem para serem cedidos alguns dos varões dos devotos que haviam feito a promessa. (Sant'Iago, 1920, p. 20)

Neste relato fica evidente que a charola do Senhor dos Passos era carregada na procissão exclusivamente pela elite açucareira sergipana, reunindo senhores de engenho do Vaza-barris e do Cotinguiba. Durante o itinerário das procissões, era perceptível uma certa hierarquia, estabelecida pela ordem da saída. Com isso, ganhavam destaque os membros das ordens terceiras da cidade, principalmente as do Carmo, cujo compromisso incluía a procissão do Senhor dos Passos como uma das obrigações.

Os membros da Ordem Terceira do Carmo também podem ser vistos como membros da elite açucareira sergipana, como atesta a historiografia local (Nunes, 1986). Entre os membros se destacavam os capitães José Pedro de Oliveira, José Joaquim Pereira, Antônio José Pereira e os tenentes Manoel Messias Álvares Pereira, José Florêncio dos Santos e João Caetano de Andrade. Esta é mais uma constatação que demonstra a exclusividade da elite açucareira em transportar a charola do Senhor dos Passos durante as procissões.

A presença da elite na procissão do Senhor dos Passos pode ter interpretações que vão além dos aspectos devocionais. É evidente que o Senhor dos Passos constituía uma das principais devoções do catolicismo em Sergipe, tendo fiéis de diferentes segmentos sociais. No entanto, elementos como a busca pelo direito de transportar sobre os ombros um dos varões da charola revela intenções que extrapolam ao caráter penitencial. O transporte da charola pode ser visto como um eficiente meio de legitimação do

poder, de demonstração do status que esse segmento social detinha, ou seja, a elite usava do prestígio da imagem para consolidar e expor o papel de destaque que desempenhava na sociedade sergipana. Assim podemos dizer que, além da devoção da elite ao Senhor dos Passos, havia também um forte jogo de interesses, uma disputa pelo poder materializada na posse de um dos varões da charola.

A exclusividade da elite no transporte da charola durante as procissões era garantida também pela força e pela ordem, haja vista que a charola era guardada por oito praças do Corpo de Polícia. Com isso, a legislação (da Ordem Terceira do Carmo), a força (o corpo policial) e a tradição estavam a serviço da manutenção do monopólio da elite açucareira sobre a charola do Senhor dos Passos.

O momento em que o restante dos fiéis tinha a oportunidade de se aproximarem da imagem do Senhor dos Passos era nos intervalos entre as missas e as procissões, quando ocorria situações de reverência e de intimidade entre o devoto e o santo. Um exemplo visível dessa intimidade está exposto em um artigo de Gumercindo do Bessa, no qual testemunha um acontecimento irreverente:

Na véspera da Festa foi à Ordem 3<sup>a</sup> do Carmo para ver de perto, demoradamente e só, a bella escultura do Christo. Não teve a prazer de fazer sosinho o seu estudo. Lá estava o armador Luiz Pitanga enfeitando a charola, pregando e collando. E, segundos depois, chegava assobiando, o José Pedro que, dirigindo-se para o lado do andor, dizia familiarmente:

— Bom dia, Senhor.

— Bom dia, seu Capitão, respondia o Pitanga.

— Não é com o Senhor que eu falo, é com o Senhor dos Passos; retrucou o velho dos assobias (Bessa, 1915, p. 1).

Essa nota de Gumercindo Bessa demonstra o grau de intimidade que havia entre o devoto e o santo.

Esta constitui uma relação familiar, de proximidade e troca, concretizada com os atos devocionais ao transportar o andor e com os ex-votos dos romeiros.

### 3. PASSOS DESCALÇOS: A DEVOÇÃO POPULAR REGISTRADA NOS EX-VOTOS

Como já foi exposto anteriormente, a celebração dos Passos era um compromisso da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Essa celebração pode ser compreendida como uma solenidade oficial, considerando que, no século XIX o Presidente da Província, através de anúncios nos jornais, convidava os fiéis para comparecerem e participarem da procissão.

Apesar do “clima” de solenidade oficial, no qual só os representantes da elite política e econômica podiam sustentar e transportar os varões do andor era a participação popular que dava corpo e volume à procissão e deixava o seu registro que era o ex-voto. Essa afirmativa, entretanto, não exclui a idéia de que os representantes dos segmentos político e econômico também não fizessem o depósito dos ex-votos como agradecimentos, isto é, o recado deixado para o santo pelo milagre alcançado.

A origem dos ex-votos prende-se a cultos e ritos de antigas formas de agradecimento ligadas aos cultos de veneração das forças da natureza, em que se buscava assegurar a fertilidade do solo. Pesquisas arqueológicas evidenciam que nos templos de Asclépio ou Esculápio, onde religião e medicina se mesclavam, os doentes que para lá iam em busca de curas milagrosas, lá deixavam, como agradecimento, lápides com inscrições votivas ou pequenas esculturas antropomórficas.

Em Roma seu uso também era constante e pode ser constatado na aposição em tabuinhas de inscrição V.F.G.A. (votum fecit graciam accepit, isto é, fez um voto e recebeu uma graça). A informação levamos a compreender que o ex-voto foi uma herança absorvida pelos primeiros cristãos, quando a partir

de 312 o cristianismo foi reconhecido como religião oficial do Império Romano.

O Concílio de Trento (1545-1563) teve entre seus objetivos conter a expansão do protestantismo e uma das “armas” foi o incentivo a “veneração” das sagradas imagens, porque através delas se manifestavam ao povo os benefícios e mercês que Cristo lhes concede, e se expõem aos olhos dos fiéis milagres que Deus obra pelos seus Santos e seus saudáveis exemplos”.

Tais palavras estimulavam a devoção, a crença nos milagres e os agradecimentos públicos, e o ex-voto vai ser um testemunho individual do encontro com o sagrado e objeto que materializava a confissão direta.

Os ex-votos se popularizavam na Europa, na Idade Média. Uma prática ex-votiva de agradecimento era a construção de retábulos que traziam retratos na parte inferior e em pequenas dimensões, o milagrado. Posteriormente aparecem igrejas e mosteiros erigidos em consequência de promessas ou de extrema devoção. Posteriormente aparecem sob a forma de tábuas votivas e desde o século XVI já estão presentes na colônia portuguesa na América, resultante do contexto da religiosidade dos colonizadores portugueses, praticantes de um catolicismo popular apoiado nas tradições religiosas da metrópole.

No entender de Vovelle:

O ex-voto é um documento cultural portador de uma mensagem codificada, desenhada e pintada transmitida por pessoas que sua maioria não dispunham de outros meios de expressão para testemunhar suas crenças, receios e esperanças (1997, p.113).

Uma das formas do ex-voto é a tábua votiva na qual o artista representa a cena e escreve o texto, atribuindo a graça o santo ou santa invocada.

Das muitas interpretações que podem ser elaboradas sobre essas tábuas destacamos duas: 1) a dificuldade da escrita, o que é justificado na população majoritariamente analfabeta da América portuguesa e no papel desempenhado pela “medicina que por si só nada valia” uma vez que “a droga salvadora não curava e a lanceta do cirurgião nada fazia” caso uma força divina não ajudasse (Bilac apud Castro, 1994, p. 12).

Entende-se então que os ex-votos estavam ligados às adversidades de todas as espécies que atingem o homem, além de representarem, quase sempre, necessidades individuais (doenças, acidentes, cirurgias, etc) e coletivas (epidemias, naufrágios) cuja função específica é o cumprimento da promessa.

A Procissão dos Passos é, provavelmente, em Sergipe a primeira referência a essa prática votiva que registra a “imagem simbólica da ação milagrosa” (Pessoa, 2001, p. 18) que eram deixadas no teto e nas paredes da sala dos milagres do claustro da igreja Nossa Senhora do Carmo. Eram poucas as cenas em tábuas votivas com narrativas e uma delas data do ano de 1859. A grande concentração estava no objeto concreto, no qual foi concedida a graça: olhos, cabeças, cabelos, pernas, pés, seios. Uma coleção onde se pode observar a variedade de formas elaboradas por artistas anônimos. Ao lado de objetos confeccionados em madeira, barro e cera também podem ser constatados uma forma de ex-voto representada pela fotografia, segundo a estrutura da tábua votiva: as fotos representam cenas de casamento, acidentes, imagens de casas e automóveis com um texto contendo o relato que descreve a situação em que foi ou para que foi feita a promessa, isto é, o voto. Outras formas de expressões do ex-voto era o uso de velas e fitas.

O hábito de pagamento da promessa/voto era exteriorizado assim através do ex-voto ou desobriga e exprimia a presença do sagrado e do milagre na vida cotidiana como uma “imagem-testemunho” da relação do homem com Deus.



Na procissão que estamos estudando, a desobriga era realizada na solenidade noturna, realizada na noite do segundo sábado da quaresma. Muitos devotos, pagadores de promessa que a ela se dirigiam, trajavam túnica roxa ou lilás, como a indumentária das imagens do Senhor dos Passos e de Nossa Senhora da Soledade, levava às mãos o seu ex-voto, com pés descalços e, muitas vezes, venciavam de joelhos o itinerário dos Passos entre as igrejas do Carmo e da Vitória. Ao final do trajeto, na igreja de Nossa Senhora da Vitória, o milagrado retornava à igreja de Nossa Senhora do Carmo para depositar a sua desobriga. Nos últimos anos a equipe que organiza a solenidade, estabeleceu pontos pré-determinados para recolher os ex-votos, o que não impede que o fiel o leve até a igreja do Carmo. Um outro modo evidencia a forma tradicional, ou seja, mantém a noção de que o ex-voto deve ser depositado em espaço público religiosos dedicado ao santo ou a divindade milagreira, por isso encontramos ex-votos também em cruzeiros e nas denominadas santacruz de beira de estrada. Como afirma Mattos:

Simbolicamente, ao ser inserido no templo sagrado, o momento aflitivo e a interferência do poder divino — milagre — são perpetuados e o objeto material identifica-se com a natureza intemporal do locus sagrado (2001, p. 24).

Por esse motivo percebe-se que o ex-voto é um documento cultural, uma mensagem transmitida por pessoas que, em sua maioria não dispunham de outros meios de expressão para testemunhar seus re-

ceios, crenças e esperanças (Vovelle, 1997, p. 113). No contexto sergipano podemos entender a Procissão dos Passos com o depósito dos ex-votos como uma expressão da religiosidade tradicional, representando uma história de vida de cada pagador de promessa, demonstrando as experiências individuais nas quais o homem coloca nas mãos de Deus a instância última para o atendimento do seu pedido, seja ele qual for, e ele, pagador de promessa, ia humilde e descalço agradecer.

#### 4. À GUIA DE UMA CONCLUSÃO

Entre 1870 e 1920, a Procissão do Senhor dos Passos constituía uma das principais cerimônias religiosas do catolicismo em Sergipe. A procissão conseguia atrair romeiros de diferentes segmentos sociais, das mais variadas regiões de Sergipe, tornando-se uma procissão com considerável poder de mobilização social.

Vimos que na cerimônia do Senhor dos Passos a elite açucareira sergipana desempenhava algumas funções relevantes, como o monopólio no transporte da charola durante as procissões, visando a legitimação social. Apesar do destacado papel desempenhado pela elite, quem dava corpo a procissão eram os romeiros de segmentos populares, que seguiram descalços a charola do Senhor dos Passos, cercada por autoridades políticas e senhores de engenho. Tais romeiros registraram a sua participação ao longo dos anos através dos ex-votos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Pedro. Imagem e Peregrinação na Cultura Cristã: um esboço introdutório. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1986.
- ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros. Memórias de Dona Sinhá. Aracaju: Typografia Editorial/Scortecchi, 2005.
- ALMEIDA, Gisselma S. J. Procissão do Madeiro: devoção e diversão. Nossa Senhora das Dores (1992-1997). Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.
- AMARAL, Antônio Alves do. Penitentes: devoção e autoflagelo. Revista de Aracaju. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, Ano 60 nº 10. 2003. p. 185-191.
- ANDRADE, Maria Cleide Leite. Epidemia, medo e devoção: aspectos devocionais no município de Campo do Brito – SE (1910-1915). São Cristóvão, 1999. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.
- ANJOS, Maria Francisca Oliveira dos. Festa do Divino Espírito Santo: Padroeiro de Indiaroba/SE. São Cristóvão, 2001, Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.
- BALBINOT, Egídio. Romaria: elementos antropológicos, bíblicos e históricos (org.). In: Liturgia e Política. Chapecó: Grifos, 1998, p. 77-126.
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand, 1998.
- CASTRO, Márcia de Moura. Ex-votos mineiros: as tábuas votivas no ciclo do ouro. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1994.
- CATÁLOGO DO MUSEU DO EX-VOTO. Aracaju: A Nacional Ind. Gráfica, 1990.
- DEL PRIORI, Mary. Festas e Utopias no Brasil Colonial. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- DUPRON'T, Alphonse. A religião: antropologia religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. História: novas abordagens. Tradução Theo Santiago. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1996 p.
- ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: a essência das Religiões. Lisboa: LBL Enciclopédia, s/d.
- FARIAS, Cláudia Maria Lima Trindade. A Irmandade do Santíssimo Sacramento: expressão religiosa da elite sancristovence 1820-1887. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.
- FEITOZA, Maria Gilma Oliveira Silva. Romaria: manifestações de fé que ultrapassa limites geográficos e doutrinários em Nossa Senhora da Glória-SE (1970-1990). Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.
- FONTES, Lídia Meire Rocha dos Santos. Espaço, disciplina e festividades numa cidade considerada moderna. Aracaju-SE (1900-1930). São Cristóvão, 1998. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.
- FROTA, Lélia Coelho. Promessa e Milagre no Santuário de Bom Jesus de Matosinhos. Brasília: MEC/IPHAN/Pró-memória, 1981.
- GIFFONI, Maria Amália Corrêa. Ex-votos, promessas ou milagres. Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo: 1980. p.25-53
- GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amorosa. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LEITE, Rodrigo Reis. Os ex-votos da Igreja do Carmo de São Cristóvão: uma fonte para a história da cultura popular em Sergipe. São Cristóvão, 2002. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

LIMA, Laura Andrade da Silva. Do Sagrado ao Profano: O carnaforró em Nossa Senhora da Glória (1986-2000). Nossa Senhora da Glória, 2002. Monografia (Licenciatura em História). PQD II, DHI, CECH, UFS.

MATTOS, Maria Emília. Promessa, milagre e ex-voto. In: Milagres: os ex-votos de Angra dos Reis. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. p.23-37

MONTEIRO, Tobias. História do Império: o primeiro Reinado. Vol. 2. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1982.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Anotações sobre a botânica em Sergipe durante a primeira metade do século XIX. In: Revista da Fapese. Aracaju: n. 1, v.1, 2005. p.7-22.

NASCIMENTO, Marcelo de Carvalho. Ecos de uma Tradição: aspectos da Festa do Senhor Bom Jesus dos Navegantes (1856-1910). São Cristóvão, 2002. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

NUNES, Maria Thetis. Sergipe Colonial II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1986.

NUNES, Verônica Maria Menezes. A Procissão dos passos: o ex-voto como "imagem testemunho do milagre". Gazeta de Sergipe. Aracaju. Ano XLVII. nº 13239. Caderno A. Edição 15/03/2003.

\_\_\_\_. São Cristóvão mantém tradição religiosa. Gazeta de Sergipe. Aracaju. Ano XLVII. nº12927. Caderno C. Edição 27/02/2002.

OLIVEIRA, Maria Vaneide de Andrade. Elite Itabaianense na Irmandade das Santas Almas do Fogo do Purgatório da Vila de Itabaiana. (1860-1898) São

Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

PASSOS, Josefa Nubia de Jesus e SANTOS, Magno Francisco de Jesus. "Ceias e Acompanhamentos: expressões do ex-voto na micro-região de Itabaiana". VII Semana de Ciências Sociais. 2004. São Cristóvão. Anais da VII Semana de Ciências Sociais. DCS, CECH, UFS.

PESSÔA, José. Milagres Os ex-votos de Angra dos Reis. In: \_\_\_\_\_. Milagres. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. p.9-21

SANCHIS, Pierre. "Festa e Religião Popular: as romarias de Portugal." In: Revista de Cultura. Petrópolis 1979. Vozes. Vol. 73, ano 73, nº 04. p.

SANTOS, José Nascimento dos. Museu do ex-voto de São Cristóvão: análise da exposição de longa duração. São Cristóvão, 2004. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

SANTOS, Marcelo. Irmãos da Santa Conveniência: a Ordem Terceira de São Francisco de Assis na cidade de São Cristóvão (1840-1870). São Cristóvão, 2001. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

SILVA, Clodomir de Souza e. Álbum de Sergipe. Aracaju: Governo de Sergipe, 1920.

SILVA FILHO, José Tiago da. Servindo à alma e ao corpo: A Santa Casa de Misericórdia de São Cristóvão/SE – Séculos XVII-XIX. São Cristóvão, 2000. Monografia (Licenciatura em História). DHI, CECH, UFS.

SILVA, Maria A. M. da. Ex-votos e orantes no Brasil: leitura museológica. Rio de Janeiro: MEC/Museu Histórico Nacional, 1981.

VOVELE, Michel. Os ex-votos no território marselhês. In: \_\_\_\_\_. Imagens e imaginário na história: fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XIX. Trad. Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1997. p. 112-118